

3.5 RIO DO PEIXE: NATUREZA E SOCIEDADE



Créditos: Michel Schaedler - ZeroPro Vídeo Profissional

Joviles Vitório Trevisol¹⁰
Luiz Fernando Scheibe¹¹

Os rios estão presentes na vida dos indivíduos e das sociedades em escalas e dimensões raramente percebidas. Todas as civilizações do passado, assim como as sociedades do presente, serviram-se deles para assegurar a sua sobrevivência e prosperidade. A história da humanidade não pode ser contada e compreendida sem a apropriação

¹⁰ Pós-Doutor em Sociologia pela Universidade de Coimbra; Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo; Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal da Fronteira Sul.

¹¹ Doutor em Geociências (Mineralogia e Petrologia) pela Universidade de São Paulo; Professor Emérito da Universidade Federal de Santa Catarina.

dos rios e dos recursos naturais por eles oferecidos. Se as sociedades dimensionassem adequadamente a história e essa importância, elas organizariam festividades comemorativas pelos 9,4 milhões de anos de existência do rio Amazonas e pelos milhões de anos dos rios Nilo, Eufrates, Tigre, Ganges, Reno, Danúbio, Elba, Tâmsa, Sena, Reno, São Francisco, Paraná, da Prata, Uruguai, do Peixe, do Tigre e de tantos outros.

No auge de seus (imprecisos) milhões de anos de existência, o rio do Peixe é para a cidade de Joaçaba, resguardadas as devidas proporções e diferenças, o que os rios Sena, Tâmsa, da Prata e Amazonas são,

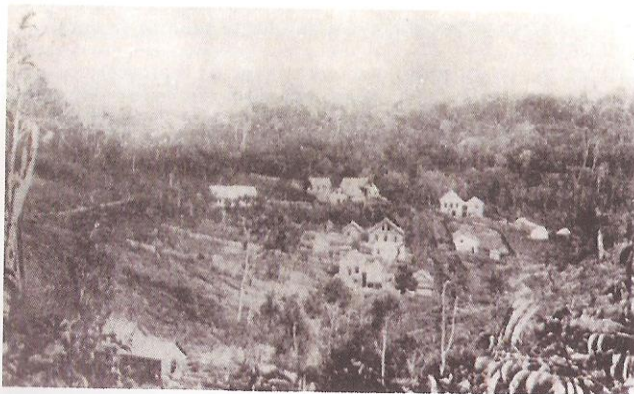
respectivamente, para os habitantes de Paris, Londres, Buenos Aires e Manaus. A relação é completamente umbilical. É impossível compreender a história e os processos de desenvolvimento de Joaçaba sem considerar a presença do rio do Peixe. O rio precede a existência da cidade. Ele é o “ponto zero”. Ao longo das décadas ele tem sido a base de toda a economia regional, da ocupação do solo e da vida social, política e cultural. O cotidiano das pessoas é inteiramente mediado pela presença do rio.

Em seus 290 km de extensão, da Serra do Espigão (nascente) ao rio Uruguai (fuz), o rio do Peixe abriga, em média, uma cidade a cada 20 km, concentrando, no início do século XXI, 218.594 pessoas, das quais 179.528 (78,5%) vivem no espaço urbano e 39.066 (21,5%) no espaço rural. Nas suas margens está a centenária Joaçaba e mais 13 cidades do Meio-Oeste catarinense: Caçador, Rio das Antas, Videira, Pinheiro Preto, Tangará, Ibicaré, Luzerna, Herval d’Oeste, Lacerdópolis, Ouro, Capinzal, Ipira e Piratuba.



Povoado de Limeira (atual Joaçaba) em 1917.

As relações humanas com o rio se intensificaram e se transformaram profundamente a partir da primeira década do século XX, com a construção da estrada de ferro ligando os estados do Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo. As obras trouxeram para o Vale, entre 1908 e 1910, operários e comerciantes de todos os lugares, originando as primeiras estações ferroviárias e, mais tarde, as vilas e as cidades atuais. Aos poucos, o modelo de ocupação humana, bem como a economia, a cultura e o meio ambiente da região se alteraram. A economia de subsistência dos índios e dos caboclos foi substituída por uma economia capitalista centrada na exploração da madeira. As vastas florestas de araucárias forneceram a matéria-prima para centenas de serrarias instaladas na região.



Povoado de Limeira em 1919

A partir dos anos 1960, um novo ciclo econômico começou a ganhar contornos e mobilizar recursos. As pequenas propriedades de agricultura familiar deram origem ao moderno setor agroindustrial, com a instalação de importantes frigoríficos de abate de suínos

e aves, produzidos por milhares de granjas e aviários. Passados 100 anos, após tantas transformações, o rio do Peixe e seus afluentes continuam sendo fundamentais e estratégicos para a economia de Joaçaba e de todos os 27 municípios que integram a sua bacia hidrográfica. A região produz, vende e exporta diariamente bens primários (*commodities*), cujo processo de produção depende completamente da oferta regular de água de boa qualidade. A inserção econômica dessa região nos mercados nacional e internacional tem ocorrido por meio da produção de alimentos, especialmente de milhares de toneladas de proteína animal. Em outras palavras, o que exportamos para o competitivo mercado internacional da Europa, Rússia, China, Chile e tantos outros países é água, transformada em carnes e seus derivados.

As festividades do centenário do município de Joaçaba não podem esquecer desse ilustre personagem. Silencioso, acanhado e encaixado em margens estreitas definidas pelos contornos de um vale, o rio do Peixe continua ali, como sempre esteve, dizendo-nos diariamente que a natureza é uma dimensão inexorável e contínua e que o rio conecta e integra, sem qualquer distinção, o passado, o presente e o futuro. Similar a um espelho, o velho Peixe reflete a presença humana nessa região, reflete a forma como a cidade se relaciona diariamente com ele. A relação entre natureza (rio) e sociedade (cidade) é tão umbilical e profunda que o rio do Peixe é uma extensão de nós. Ele acaba, na prática, expressando o que somos e o que ambicionamos ser.

Do rio do Peixe ao ventre da terra: as águas subterrâneas

Há 180 milhões de anos, a área hoje abrangida pela Bacia do Rio do Peixe era coberta pelas dunas de areia do imenso Deserto de Botucatu, no centro do supercontinente de Gondwana. Já no início do processo de separação entre a África e a América do Sul, o mesmo magma basáltico que formou o fundo do até então inexistente Oceano Atlântico passou a subir através de grandes fraturas nos continentes, espalhando-se em derrames sucessivos e formando um pacote rochoso com centenas de metros de espessura, constituído principalmente por basalto, a pedra-ferro usada nos antigos calçamentos das ruas e cuja alteração dá origem aos férteis solos de toda a região do Oeste catarinense: o grupo Serra Geral.

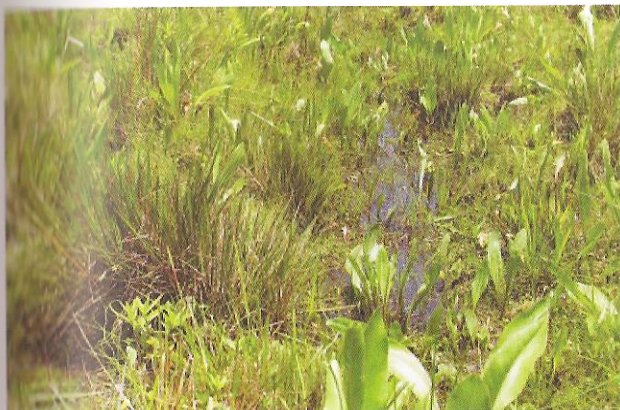
A consolidação das areias do deserto deu origem a uma rocha, o Arenito Botucatu, cuja consistência porosa permite o armazenamento de uma grande quantidade de água e que é hoje conhecido como o Sistema Aquífero Guarani (SAG).

Já as camadas de basalto que cobrem o Aquífero Guarani possuem muitas fraturas e algumas camadas intermediárias de solos e material poroso, vindo a constituir-se também em um aquífero de enorme importância regional, o Sistema Aquífero Serra Geral (SASG).

Por estar o Aquífero Serra Geral situado mais próximo da superfície, as águas desse Sistema, além de

garantir a permanência dos córregos e de formar fontes muitas vezes usadas no abastecimento doméstico e dos animais, podem ser captadas em poços artesianos tubulares de 60 a 200 metros de profundidade, tornando-o a principal fonte de águas subterrâneas de toda as regiões Oeste de Santa Catarina, Sudoeste do Paraná e Noroeste do Rio Grande do Sul – mesmo quando comparado à captação das águas do Sistema Aquífero Guarani. Em Santa Catarina há milhares de poços cadastrados no Aquífero Serra Geral e pouco mais de uma centena de poços no Aquífero Guarani.

Apesar do reconhecimento de sua inegável importância – e até pelo intenso uso doméstico, industrial e na agropecuária –, as águas do rio do Peixe e de seus numerosos afluentes vêm sofrendo graus diversos de poluição e mesmo em períodos de estiagem deixam de atender com a qualidade e quantidade necessária a todos esses usos.



Nascente do rio do Peixe

É nesses casos, bem como em localidades ou propriedades com dificuldade permanente de acesso à água superficial boa e abundante, que a água subterrânea, acumulada por milênios no ventre da terra, vem socorrendo os habitantes das zonas rurais e urbanas de Joaçaba e de todos os outros municípios da Bacia do rio do Peixe.

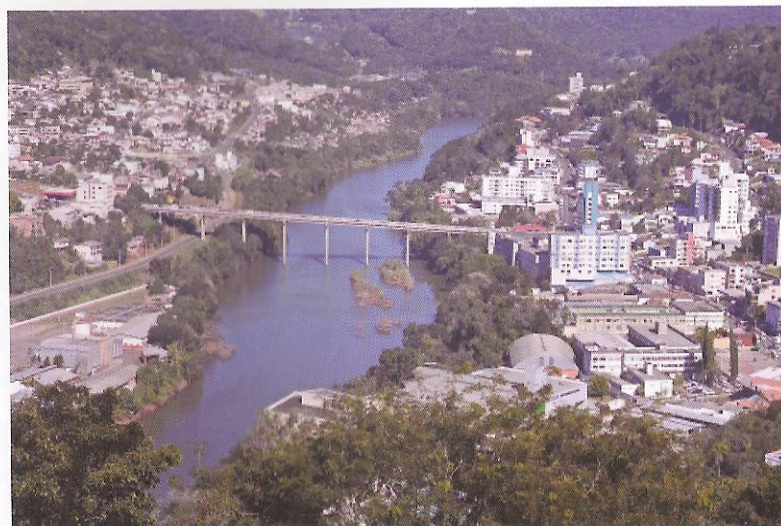
Pelo fato de o Aquífero Serra Geral estar junto à superfície e ser recarregado pelas águas da chuva ou dos córregos e rios, esse aquífero se torna vulnerável à contaminação, que também pode ocorrer por defeitos de construção ou da manutenção dos poços. Atenção especial deve se dar às cidades em que não há sistemas eficientes de coleta e tratamento de esgotos e há muitos poços localizados na própria área urbana.

Por outro lado, sendo a água considerada um bem público de uso comum, não sujeito à privatização, é necessário atender à regulação que exige o cadastramento dos poços antigos e a outorga prévia antes da perfuração

de qualquer novo poço. Esta exigência da outorga é ainda mais importante em se tratando de poços mais profundos, como os que cada vez mais estão sendo perfurados para atingir o Sistema Aquífero Guarani, até então considerado como uma reserva estratégica para toda a região Oeste de Santa Catarina.

A excepcional qualidade de vida dos habitantes de Joaçaba, tão condignamente comemorada por ocasião de seu centenário, foi obtida graças ao esforço coletivo e ao uso dos recursos naturais, entre eles as águas superficiais e subterrâneas da bacia do Rio do Peixe.

Para perpetuar esses recursos, legando-os às próximas gerações, é necessário tratá-los com o devido respeito, assumindo um processo de Gestão Integrada dos Recursos Hídricos (GIRH), em que se considera em sua forma global o ciclo hidrológico e se aproveita devidamente, junto às formas tradicionais, desde a água da chuva até as águas de reúso industrial e urbano.



Créditos: Agência e Estúdio Fotográfico Novità - Regis Heberle